

Onde está a ética capitalista? Economia e ética na modernidade segundo uma leitura do romance *A caverna*

André Bernardo

Universidade de Vigo

Resumo: Saramago transpôs a alegoria platónica da *caverna* para descrever um problema real do mundo moderno: o capitalismo. O nosso objetivo será estabelecer uma relação do literário com a economia política, abordando o tema filosófico da ética como uma energia que está no centro da essência humana em Saramago e cuja ausência é a causa da degradação dos ideais modernos. Como defendia o autor, a ética deve dominar a razão e a ideia dos «deveres» do ser humano deveria ser tão ou mais central, numa época em que os direitos humanos se tornaram quase numa obsessão Ocidental, muitas vezes inoperante.

Palavras-chave: Capitalismo; economia; ética; filosofia; modernidade.

Where are the capitalist ethics? Economy and ethics in modernity according to a reading of the novel *The cave*

Abstract: Saramago transposed the Platonic allegory of the *cave* to describe what seems to be a real issue in the modern world: the capitalism. We aim to establish a relationship between the literary and the political economy by addressing the philosophical concept of ethics as an energy at the center of the human essence in Saramago on which absence lies the cause of the degradation of modern ideals. As the author defended, ethics must dominate reason, and the idea of «duties» of the human being should be as important as human rights, even more at a time when human rights have become almost a Western obsession, often inoperative.

Keywords: Capitalism; economy; ethics; philosophy; modernity.

Como ponto de partida, gostaríamos de levantar a questão de como a literatura de Saramago nos permite repensar a ética nos sistemas sociais e capitalistas em que vivemos e quais são as respostas que podemos encontrar na sua obra, em particular no romance *A caverna*, que nos parece abordar o tema de uma forma mais direta e profunda. Começamos por estruturar alguma da teoria essencial ao nosso artigo. O filósofo francês Michel Foucault, nas suas lições do Colégio de França, fala-nos de uma nova forma de poder, que começou a surgir no século XVIII, centrada no *homem-económico* que seria regulada de uma forma *subjacente* às práticas do mercado e não por influência de uma governação direta — falando mesmo de um poder *não-disciplinador*, visto não ser resultado de um fundamento de princípios legais, ou baseado em termos jurídicos, mas de uma *arbitrária* relação, resultado dos intercâmbios e de trocas comerciais.¹ Esta ideia relaciona-se com a de ética, no sentido de que existe uma ausência de disciplinamento, uma arbitrariedade governativa ou uma falta de preocupação ética, refletindo ainda uma preocupação constante da obra de Saramago. A ideia de ética pode ser, por vezes, tão confusa como ampla e, tanto na antiguidade como na modernidade, existem duas conceções relevantes e distintas que podem criar esse aspecto vago. São a ética do *fim* e a ética do *móvel*. A primeira como a ciência que se preocupa com o *meio* e com o *fim* da conduta humana, e a segunda como a que se preocupa com o *móvel* da mesma conduta, sendo que as duas apresentam uma suposta relação com o «bem».² Numa, o poder é calculável no indivíduo e por *dentro*; e pode ser idealizável num suposto fim, individual ou comum (a felicidade, por exemplo) em que podemos associar à visão de Saramago / Platão; noutra em que poder vem de *fora* (gerido pelas comunidades, o grupo, as instituições, etc.) e que, sendo programado, de certa forma adota um caráter mais estático, no sentido em que as mudanças por serem de grupo, necessitam da sua aprovação, e são mais lentas nas mudanças e nos avanços (associaríamo-nos a Foucault, sendo uma conceção mais próxima da moral/moralidade).

1. «En revanche, l'*homo oeconomicus*, il ne se contente pas de limiter le pouvoir du souverain. Jusqu'à un certain point, il le déchoit. Il le fait entrer en déchéance au nom de quoi ? D'un droit auquel le souverain ne devrait pas toucher ? Non, c'est pas ça. Il le déchoit dans la mesure où il fait apparaître chez le souverain une incapacité essentielle, une incapacité majeure et centrale, une incapacité à dominer la totalité du domaine économique» (Foucault 2004: 296).

2. «1- a que a considera como ciência do /zm [sic] para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para atingir tal fim, deduzindo tanto o *fim* quanto os *meios* da natureza do homem; 2- a que a considera como a ciência do *móvel* da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta. Essas duas conceções, que se entremesclararam de várias maneiras na Antigüidade e no mundo moderno, são profundamente diferentes e falam duas línguas diversas. A primeira fala a língua do ideal para o qual o homem se dirige por sua natureza e, por consequente, da «natureza», «essência» ou «substância» do homem. Já a segunda fala dos «motivos» ou «causas» da conduta humana, ou das «forças» que a determinam, pretendendo ater-se ao conhecimento dos fatos. A confusão entre ambos os pontos de vista heterogêneos foi possibilitada pelo fato de que ambas costumam apresentar-se com definições aparentemente idênticas do bem» (Abbagnano 2007: 380).

A perspetiva que constatamos neste romance resulta, precisamente, de uma análise social análoga que vemos no pensamento de Foucault, à ligeira exceção de que talvez possamos encontrar mais uma preocupação ética na obra de Saramago, e que esta nos parece relevante para o nosso artigo. O que se nos afigura ainda importante de realçar é o facto de, e falando n'*A república* de Platão, cuja intertextualidade com *A caverna* de Saramago é explícita, observarmos, por um lado, uma relação direta com o *conhecimento* humano inato, ou até com a educação; por outro lado, vermos uma metáfora de luz/verdade, e o movimento de conhecimento como uma *rotação* em termos platónicos, entre a luz e a escuridão, ou entre a escuridão e a luz³ — e que nós interpretamos como um *exercício* ou mesmo uma *prática*, ou até uma *experiência*, numa tentativa de designar o termo em vocabulário mais adequado ao nosso propósito.

Para que nos seja dada uma ideia, o quadro de Michiel Coxie, *De Grot van Plato*⁴, transmite-nos uma imagem da alegoria de Platão, onde a luz não consegue ser captada a não ser por reflexos e onde as personagens olham mais para esses reflexos e para as sombras sem conseguirem olhar diretamente para a luz. Apesar de estarem amarradas, algumas, com as da frente, parecem estar mais acomodadas, e algumas outras estão a contemplar as sombras. Na continuação da alegoria de Platão explica-se em conclusão que a *rotação* é o mais importante e que a cidade em que houver menos desejo de controlo governativo, mesmo por parte daqueles que viram a luz e são mais capazes, será a melhor cidade⁵. Pode concluir-se que a luz não representa necessariamente o saber *em si* mesmo, ou melhor que o saber é sempre contextualizável, e que a inclusão e convívio de todo esse saber na sociedade é o aspeto mais relevante. Podemos até pensar que é a própria *comunicação* que terá mais importância. Como podemos relacionar esta ideia com a ética e o respeito em Saramago?

3. «Imagínate una caverna subterránea, que dispone de una larga entrada para la luz a todo lo largo de ella, y figuráte unos hombres que se encuentran ahí ya desde la niñez, atados por los pies y el cuello, de tal modo que hayan de permanecer en la misma posición y mirando tan solo hacia adelante, imposibilitados como están por las cadenas de volver la vista hacia atrás. Pon a su espalda la llama de un fuego que arde sobre una altura a distancia de ellos, y entre el fuego y los cautivos un camino eminentemente flanqueado por un muro, [...] cualquier hombre sensato recordará que dos son las maneras y dos son las causas que producen la turbación de los ojos: una, el pasar de la luz a la oscuridad; otra, el pasar de la oscuridad a la luz» (Platón 1986: 778-780).

4. Ilustração 1 de *De Grot van Plato*, Michiel Coxie, exposta no Museu de Leuven e acedida em linha em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:De_grot_van_Plato.jpg 29 de Junho de 2020.

5. «Cuál será el arte que más convenga, por su utilidad y eficacia, para la rotación de que hablamos. Es claro que este arte no producirá la visión, sino que tratará de enderezar el órgano que, teniendo vista, no se ordena ni mira hacia donde debe [...] La verdad, sencillamente, se reduce a esto: la ciudad en la que muestren menos deseos de gobernar los que deben hacerlo será, sin duda, la mejor y necesariamente la más tranquila; y ocurrirá lo contrario en aquella que presenten un cariz de gobierno distinto» (Platón 1986: 780-782).



Ilustração 1: *De Grot van Plat*, o de Michiel Coxie, exposta no Museu de Leuven

O autor apresenta-nos uma preocupação constante com este tema ao longo de suas entrevistas mas também na sua obra, como reconhece numa entrevista dada em Madrid: «Apercebi-me, nestes últimos anos, de que estou à procura de uma formulação da ética: quero expressar, através dos meus livros, um sentimento ético da existência, e quero expressá-lo literariamente» (Gómez Aguilera 2010: 119). E acaba, em certos momentos, como é exemplo uma outra entrevista em Buenos Aires, a descrever essa ética que ele via como fundamentalmente uma questão de respeito pelo próximo: «A ética de que eu falo é uma pequena coisa laica, para uso na relação com os outros. Passa pela coisa tão simples como o respeito, nada mais» (Gómez Aguilera 2010: 120).

Ao analisarmos a sua obra, e, neste caso específico, o romance *A caverna*, encontramos um diálogo interessante com a ideia que estamos a apresentar, pois a história demonstra um caráter e um aspeto vincadamente éticos na sua linguagem narrativa. O romance conta-nos a história de um negócio familiar e tradicional de olaria cuja prosperidade se vê ameaçada pelo desenvolvimento tecnológico e pela criação de novos produtos que substituem os obsoletos⁶, e que por isso é obrigado a repensar-se e a construir peças que se adaptem aos novos tempos⁷. O tom da narrativa é marcado por uma crítica a esse crescimento ba-

6. A certa altura vemos que, segundo o narrador, um dos erros do personagem principal e oleiro da família, o Cipriano «foi pensar que certos gostos e necessidades dos contemporâneos do avô fundador, em matéria de produtos cerâmicos, se iriam manter inalteráveis per *omnia saeculorum* ou, pelo menos, durante toda a sua vida, o que vem a dar no mesmo se repararmos» (Saramago 2000: 147).

7. Ao longo do romance é descrito o minucioso processo de olaria e como são construídos pelos oleiros as personagens, tais como «o bobo, o palhaço, a enfermeira, o esquimó, o mandarim, o assírio de barbas...» (Saramago 2000: 137).

seado apenas em números e em cálculos, e descrito numa visão religiosa da economia (como vemos a certa altura num diálogo entre Cipriano e um chefe do Departamento de compras do Centro comercial)⁸, mas também de desprezo a um certo humanismo existente nas atividades comerciais e laborais e, especialmente, nestas mais tradicionais em que existem alguns rituais interessantes na sua prática que parecem assim perdidos, isso mesmo podemos ver na passagem em que se descreve o trabalho do oleiro:

Note-se que, ao nascermos, os dedos ainda não têm cérebros, vão-se formando pouco a pouco com o passar do tempo e o auxílio de que os olhos veem [...] O cérebro da cabeça andou toda a vida atrasado em relação às mãos e mesmo nestes tempos, quando nos parece que passou à frente delas, ainda são os dedos que têm de lhe explicar as investigações do tato, o estremecimento da epiderme ao tocar o barro (Saramago 2000: 152).

A obra de Saramago permite-nos uma intertextualidade com os pensadores éticos e políticos. Aristóteles, por exemplo, foi outro dos filósofos gregos que trabalharam as ideias de economia e de ética no século IV A.C., onde distingua claramente uma economia natural e limitada de uma outra, designada mais como uma *crematística* ilimitada, virtual e de aquisições de bens. Além de que ao próprio valor das coisas seria acrescentado um valor de troca ao valor natural, (por exemplo: uma sandália, servindo como calçado, apresenta o valor natural, mas como moeda de câmbio apresenta um valor virtual ou de troca — podemos ver estas ideias em Conill Sancho 2004: 80–82). O que acentua esta perspectiva calculista e matemática descrita no romance. Aquilo que nós descrevemos como a *rotação* essencial em Platão e a *comunicação* de passar pelas diferentes fases de luminosidade (*entendimento*) nos parece que é relacionável aqui a essa descrição da preocupação ética que Saramago transpõe como se fosse uma *energia narrativa* no envolvimento e construção das suas personagens. Como se a *comunicação* e o *entendimento* entre as personagens e as instituições descritas (*rotação* em Platão) fossem a ética e o respeito de que fala Saramago. Sendo a descrição perfeita de uma balança política moderna que tem sempre dois pesos e duas medidas interdependentes, e em que ambos deve recair a análise.

8. Atente-se no diálogo: «Será caso para proclamar que o Centro escreve direito por linhas tortas. [...] Se bem me lembro, isso das linhas tortas e de escrever direito por elas era o que se dizia de Deus, observou Cipriano Algor, Nos tempos de hoje vai dar praticamente no mesmo, não exagerei nada afirmando que o Centro, como perfeito distribuidor de bens materiais e espirituais que é, acabou por gerar de si mesmo e em si mesmo, por necessidade pura, algo que, ainda que isto possa chocar certas ortodoxias mais sensíveis, participa da natureza do divino, Também se distribuem lá bens espirituais, senhor» (Saramago 2000: 292).

Durante três gerações consecutivas, a família Algor tentava preservar o legado da arte oleira e Cipriano, a personagem principal da história, tentava transmitir essa mesma arte familiar à sua filha Marta que estava casada com Marçal. A história é-nos relatada através de uma dicotomia maior, entre a cintura verde e a cintura industrial, além da cisão existente na família, entre o sogro oleiro de tradição, e o genro, trabalhador do centro enquanto seu segurança. As relações de poder e também as hierarquias são-nos descritas ao longo do romance como «difíceis de destrinçar e identificar», o que descreve uma visão mais moderna e nos faz pensar inicialmente em Foucault, mas também em alguns teóricos de filosofia moral ou ética e de política económica. Inicialmente, aquele a que chamamos o «pai» do liberalismo, o Professor Adam Smith, e que curiosamente tinha uma formação académica em filosofia moral, descreve uma ética mais moderna com o seu princípio da harmonia de fundo entre os indivíduos e a sociedade de intercâmbio, as consequências não intencionadas, e a motivação de intercâmbio como uma motivação legítima no mundo contemporâneo (ver também Conill Sancho 2004: 99).

Estas motivações são constantemente explicitadas no romance. No entanto, sem deixar de constatar e fazer referência de que existe em Saramago uma preocupação ética sobre a política contemporânea que se reflete numa visão, por vezes, um tanto pessimista relativamente ao estado atual e, como vemos nesta descrição da paisagem, onde ele sugere mesmo que o próprio olhar das coisas e a maneira de ver o mundo podem ser afetados:

Diz-se que a paisagem é um estado de alma, que a paisagem de fora, a vemos com os olhos de dentro, será porque esses extraordinários órgãos interiores de visão não souberam ver estas fábricas e estes [...] fumos, que devoram o céu, estas poeiras tóxicas, estas lamas eternas, estas crostas de fuligem, o lixo de ontem varrido para cima do lixo de hoje, aqui seriam suficientes os simples olhos da cara para convencer a mais satisfeita das almas a duvidar da ventura em que se supunha comprazer-se (Saramago 2000: 90).

Desta forma, além de alertar para os processos narratológicos em Saramago que sugerem assim a economia ética, gostaríamos de o comparar a um dos mais marcantes pensadores, laureado com o Nobel em Economia no mesmo ano em que o foi Saramago: o Professor Amartya K. Sen, que desenvolveu o seu trabalho à volta dos conceitos de economia e de ética. A originalidade do seu trabalho reside em algo diferente dos utilitaristas — e de Adam Smith e bem como está ausente ainda na análise de Foucault — e que se trata do estudo *deontológico* e *metaético* incorporado no pensamento económico. Esta perspetiva parece-nos, assim, mais enquadrada no pensamento e consciência ética em Saramago e rele-

vante como uma análise comparativa. Precisamente, as motivações principais da obra de Amartya K. Sen (1998: 32) residem na consciência e análise de outros problemas relacionados diretamente com a ética: para ele, «la naturaleza de la economía moderna se ha visto empobrecida sustancialmente por el distanciamiento que existe entre la economía y la ética». Opõe-se à ideia que defendia Adam Smith, e, segundo a sua visão, as consequências não intencionadas fazem parte do foco racionalista e das mudanças sociais, chegando mesmo a afirmar que as consequências das ações intencionadas que não se realizam são mais importantes do que os efeitos não intencionados, mas previsíveis. Os seus estudos sobre a fome e as razões que estariam a causá-la, ou da liberdade como fator importante para o desenvolvimento humano, bem como da justiça ou da ética, são um exemplo de como essas ações intencionadas e não intencionadas são fundamentais no sistema político-económico moderno. Há que realçar que é uma tentativa, no âmbito da filosofia política, económica e ética, de analisar o pluralismo das ações, dos direitos, do bem-estar humano, das liberdades, e dos deveres (aquilo que descreveu como o *consequentialismo*) (ver Sen 1998: 55-56). Estas intenções afiguram-se-nos como uma preocupação e luta semelhantes às expressas por Saramago durante o discurso de aceitação do prémio Nobel, ao longo da sua obra narrativa etambém na sua posição relativa aos direitos e deveres humanos, mas ainda no romance em análise⁹.

Ao longo do romance existe uma dialéctica que nos permite pensar em todas estas questões de uma forma mais profunda e de fazer uma comparação. Se há pouco falávamos da ética económica, veremos aqui uma espécie de capitalização da ética, perfeitamente observável no romance. São essas as formas mais legítimas de *capitalismo* presentes nos heróis deste romance *A caverna*, de Saramago. O desfecho da história, impulsionado pela intertextualidade que existe com a caverna de Platão, onde as personagens principais da obra veem, numa espécie de jogo de espelhos, uma representação semelhante àquela que nos foi descrita pelo filósofo grego, apresenta uma reação auto-identificativa como Saramago pretendia que fosse, e conforme estava patente desde o início da obra na epígrafe platónica: «Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros, São iguais a nós» (Saramago 2000: 9). Esta reação está intrinsecamente ligada à consciência ética das personagens, e a sua capitalização acontece posteriormente. Algumas expressões no romance parecem ainda dialogar com os conceitos de *rotatividade* em Platão: «o mau não é ter uma ilusão, o mal é iludir-se» (Saramago 2000: 152); ou também com a dialéctica de direitos e liberdade em Amartya K. Sen, que seria comparável aos direitos e deveres referidos pelo nosso autor, como quando diz, a propósito de uma das personagens: «o que não quero é o que não

9. «Toda a gente fala de direitos humanos e ninguém de deveres, talvez fosse uma boa ideia inventar um Dia dos Deveres Humanos» (Gómez Aguilera 2010: 471).

posso, o que não posso é o que não quero» (Saramago 2000: 169). Existe um desenlace positivo e uma esperança de uma realidade melhor no final do romance. Cipriano, juntamente com a mulher, Isaura, de quem estaria apaixonado, bem como com Marçal, seu genro, e Marta, sua filha, mas também com o seu animal de estimação, o cão Achado, todos optam por estar em proximidade entre eles e de abandonar o local que lhes representava uma incompatibilidade com o seu bem-estar comum. Ou seja, decidem procurar a sua própria felicidade e partir para uma nova etapa nas suas vidas, substituindo os aspectos que consideravam desconfortáveis e capitalizando os que poderiam ser mais favoráveis:

A manhã da partida apareceu com o céu grisalho, tinha chovido de noite, na eira havia, aqui e além, pequenas poças de água, e a amoreira-preta, para sempre agarrada à terra, ainda gotejava. Vamos, perguntou Marçal, vamos, disse Marta. Subiram para a furgoneta, os dois homens à frente, as duas mulheres atrás, com o Achado ao meio (Saramago 2000: 348).

Muito mais que números e equações passíveis de cálculo, as personagens tomam corpo a uma consciência ética individual, mas também de grupo (família) e num nível mais amplo, social e político (abdicam de se instituir no centro comercial).

As personagens, como que numa ação coletiva, depois de totalmente decepcionadas com a visão da caverna platónica que aconteceu no «Centro» onde residiam, acabam por tomar uma decisão fundamentada eticamente para elas, baseada na sua liberdade e na sua componente mais emocional e, de certa forma, também nos seus «deveres» sociais, ou seja, moralmente. Para nós, este final representa precisamente uma atitude de coragem inspirada nos princípios éticos e morais *capitalizados*, neste caso não apenas individualmente, mas familiarmente ou comunitariamente, como que defendendo a posição de Saramago, e dos autores que analisámos, em detrimento de uma visão puramente calculista, utilitária ou matemática. Esta relação entre a razão e a estatística, entre a emoção e a matemática, reflete uma preocupação ética e moral, e que, aliás, podemos ver não só neste romance de Saramago, mas também em outros, como a análise política em *Ensaio sobre a lucidez*; a descrição burocrática em *Todos os nomes*; ou mesmo na visão da historicidade em a *História do cerco de Lisboa*; e também, claro está, no romance *A caverna*. Neste caso, o romance foi escrito com um tom um tanto caótico ou pós-moderno, mas que tem como motivação as preocupações profundas sobre a ética e os atuais sistemas político-económicos. Esta é a estética e, paralelamente, a «ética» que vemos nesta obra de Saramago, e que para nós acrescenta uma visão lúcida da necessidade de existir num progressivo sentido de responsabilidade e de compromisso político-privado (de política e de personalidade), pois vivemos neste impasse, entre estas duas esferas.

Referências bibliográficas

- Abbagnano, Nicola (2007). *Dicionário de filosofia*. Tradução e revisão de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- Conill Sancho, Jesús (2004). *Horizontes de economía ética*. Madrid: Tecnos.
- Foucault, Michel (2004). *La naissance de la biopolitique: cours au Collège de France 1978-1979*. Paris: Gallimard.
- Goméz Aguilera, Fernando (2010). *José Saramago nas suas palavras*. Lisboa: Caminho.
- Platón (1986). *Obras completas*. Madrid: Aguilar.
- Saramago, José (2000). *A caverna*. Lisboa: Caminho.
- Sen, Amartya K. (1998). *Bienestar, justicia y mercado*. Barcelona: I.C.E.